

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 4, número 2, julho-dezembro 2012

TEMOS A SATISFAÇÃO DE LANÇAR UM NOVO NÚMERO DA REVISTA SEMESTRAL *WebMosaica*, completando seu quarto ano de vida. Uma revista não se faz sozinha. Ela depende, primeiramente, dos autores dos artigos publicados, os quais, reconhecendo a qualidade que a revista vem mantendo desde seu início, contribuem com textos inovadores, bons argumentos e análises de resultados de pesquisa, fazendo assim uma inegável contribuição à área de estudos judaicos e ao conhecimento em suas respectivas áreas de atuação. Em segundo lugar, a revista é tributária dos pareceres emitidos pelos consultores *ad hoc* aos trabalhos submetidos à sua avaliação. Este meritório esforço acrescenta maior qualidade aos trabalhos examinados, em geral com os agradecimentos dos autores; além disso, permite recusar trabalhos encaminhados à revista com base em sólidos argumentos, o que poupa os editores de um confronto direto com seus autores. Em terceiro lugar, a revista conta com a colaboração de tradutores, revisores de aspectos técnicos e de homogeneização dos trabalhos, assim como de tradutores de línguas estrangeiras – no caso deste número, do francês, do espanhol e do alemão –, colaboração essa em caráter voluntário. Em quarto lugar, a revista recebe apoio de um(a) artista plástico(a), que cede gratuitamente uma imagem de um de seus trabalhos para compor a capa da revista. Não se pode esquecer, ainda, o excelente trabalho do editor gráfico, que consegue adaptar os artigos, com suas características peculiares, ao formato predefinido da revista e que, a partir do número atual, monta também a capa da revista. Ao mesmo tempo em que agradecemos a todos, temos certeza de que eles ficam satisfeitos com o resultado do trabalho a cada novo número produzido. Não podemos deixar de assinalar o trabalho desenvolvido pelos editores, incansáveis nas tarefas de construir, dar continuidade e zelar pela qualidade da revista.

Neste número, trazemos oito artigos inéditos, sendo quatro de autores estrangeiros (dos quais três atuam como professores universitários, um na França e dois em Israel) e quatro de autores brasileiros. Na seção Memória, publicamos um texto de uma autora belga, residente no Brasil, que resultou, principalmente, de sua pesquisa no arquivo da *Alliance Israélite Universelle*, em Paris, que abriga documentos não disponíveis nos arquivos brasileiros que guardam os documentos da *Jewish Colonization Association* a partir dos anos 1920 (no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, em São Paulo, estão os documentos originais, e, no Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em Porto Alegre, encontram-se os documentos em microfilmes e em formato digital). O outro trabalho incluído nessa seção é um curto conto, que tem como mote o tema da memória (judaica, é claro).

No oitavo número da revista, o Dossiê tem como tema *Múltiplas abordagens da identidade judaica*, de caráter abrangente e viabilizador de trabalhos em diferentes áreas do conhecimento, principalmente na literatura e nas ciências sociais e aplicadas. Para

esta seção, recebemos colaborações de autores brasileiros e estrangeiros, que consideram diferentes aspectos da identidade judaica: por um lado, o autorreconhecimento identitário, como é o caso de autores que examinam trabalhos de escritores que aportam temas judaicos a suas obras; por outro lado, autores que tratam de personagens cuja identidade judaica é por eles negada ou tida como indiferente, embora esta lhes seja atribuída por outros. Como veremos, situam-se, neste último aspecto, a maior parte dos trabalhos publicados nesta seção.

Entre os colaboradores do Dossiê estão os pesquisadores Matthieu Béra, *Maître de Conférence* em Sociologia na Universidade Montesquieu-Bordeaux IV, França; Ruth Fine, diretora do Fórum Europeu e professora e chefe da Seção Ibérica do Departamento de Estudos Românicos e Latino-Americanos da Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel; Carlos Junior Gontijo Rosa, Mestre em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), Brasil; Marlen Eckl, Mestre em Letras, Estudos Judaicos e Direito pela Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, Alemanha, doutora em História pela Universidade de Viena, Áustria, e pesquisadora sênior do LEER/USP e do Instituto Shoah de Direitos Humanos, São Paulo, Brasil. Todos eles comparecem pela primeira vez como autores na *WebMosaica*. Ana Laura Colombo de Freitas, jornalista e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também contribui com um artigo para esta seção.

O sociólogo Matthieu Béra apresenta o instigante artigo *De David a Émile, do prenome subjetivo ao prenome objetivo; Contribuição da sociologia dos prenomes à questão da identidade judaica de Durkheim*, com o qual, por um lado,

comunica aos leitores de língua portuguesa o judaísmo de David Émile Durkheim, ou de Émile Durkheim, como ele é mais conhecido, um dos fundadores da Sociologia – com obras que ajudaram a construir a nova disciplina, como *De la division du travail social* (1893), *Les règles de la méthode sociologique* (1895), *Le suicide; Étude sociologique* (1897), *Les formes élémentaires de la vie religieuse* (1912), além de ter fundado uma grande revista, *L'Année Sociologique* (1896). Por outro lado, o autor faz uma exaustiva análise com base em documentos (inclusive os dos censos populacionais), pesquisa bibliográfica e depoimentos orais, através da qual examina a possível inversão de prenomes (ora David, ora Émile), associada à aproximação ou ao distanciamento de suas raízes judaicas, indicada por alguns autores. De acordo com Matthieu Béra, a decisão de Durkheim de suprimir o nome judaico (David) de seus prenomes, tem a ver com o antissemitismo que floresceu na França com o caso Dreyfus (1894-1906), com motivos familiares e com sua decisão de fazer carreira como sociólogo numa universidade francesa laica (aliás, como indica José Albertino Rodrigues, em “Introdução”, in *Émile Durkheim: sociologia*, 3ª edição, São Paulo: Ática, 1984, p. 7-38, a instrução laica foi implantada na França em 1882). Claude-Raphaël Samama, numa resenha sobre o livro de Pierre Birnbaum (*Géographie de l'espoir*, Gallimard, 2004), por sua vez, destaca a percepção desse autor sobre a presença de traços judaicos na obra de Durkheim, seja através da ocultação (como a pouca importância dada ao menor índice de suicídios entre os judeus, em sua obra *O Suicídio*), seja através da afirmação, em numerosas referências ao corpus hebraico e à história bíblica. Adicionalmente, Birnbaum, na perspectiva de Samama, enxerga, nas relações familiares de Durkheim, nítidos traços de pertencimento no plano de valores e da tradição

judaicos, assim como a manutenção “de uma prática respeitosa do culto hebraico, sem que ela jamais interferisse com seu personagem público” (*Inédits de Claude-Raphaël Samama*, in <http://www.claude-raphael-samama.org/inédits8.html>, consultada em 04/02/2013).

Dois artigos na área da literatura abordam a complexidade da identidade judaica na obra de dois autores cuja condição de judeus não era necessariamente evidente. No caso de Antônio José da Silva, o fato de ter sido acusado e morto pela Inquisição portuguesa por ser identificado como judeu não implica a presença de traços judaizantes em sua obra, como indica Carlos Gontijo. Quanto a João Pinto Delgado, judeu converso cuja obra é analisada por Ruth Fine, o autorreconhecimento judaico é explícito, uma vez que seus poemas abordam cenas da Bíblia Hebraica e traçam o percurso dos judeus e sua perseguição pela Inquisição.

Carlos Junior Gontijo Rosa, doutorando em Literatura portuguesa na Universidade de São Paulo, parte da perspectiva de uma condição judaizante na obra de Antônio José da Silva, conhecido como “O judeu” e perseguido pela Inquisição portuguesa (sendo morto e queimado em 1739), procurando compreender os meios pelos quais ela se mostrou relevante em termos de teoria literária. Como diz o autor, “Desmistificando a imagem e o imaginário de Antônio José, busca-se explicar o seu sistema de escrita, a emulação, e a sua forte influência das preceptivas dramáticas espanholas do século XVII. Além disso, baseado nos estudos da intertextualidade, demonstra-se que o paradigma de Antônio José não busca a questão da crítica social para construção de uma sociedade melhor e que, se existe uma questão judaica na obra do dramaturgo, esta não foi propositalmente inserida e, pela ausência de intencionalidade, não pode ser vista como questão do interesse do autor no âm-

bito literário.” (GONTIJO ROSA, *WebMosaica*, v.4 n.1, 2012).

Ruth Fine, professora de literatura ibérica na Universidade Hebraica de Jerusalém, aborda um subtipo específico do corpus da literatura de conversos que corresponde às obras da diáspora sefardita ocidental, de autores que retornaram ao judaísmo após terem vivido como cristãos por várias gerações. Como indica a autora, trata-se de obras que apresentam um pronunciado sincretismo e que permitem compreender “contaminações” identificáveis na literatura peninsular dos conversos. Com essa perspectiva, a análise centra-se num poema de João Pinto Delgado, tendo como base a ideia de que “o texto literário nos ajuda a escutar vozes que nos falam desde seu silenciamento, permitindo-nos reconhecer e interpretar as marcas de sua ferida”. (FINE, *WebMosaica*, v.4 n.1, 2012) João Pinto Delgado produziu uma série de poesias – como “Poema da rainha Ester”, “Lamentações do profeta Jeremias” e “História de Ruth” – que claramente demonstram sua adesão ao judaísmo, como é o caso de um manuscrito com poemas de caráter autobiográfico escrito por volta de 1640, do qual Fine analisa o poema “A saída de Lisboa”. Como mostra Fine, através do personagem (autobiográfico), “o falante une associativamente não só a vivência individual com a coletiva e contemporânea, mas também o trauma presente com o passado histórico do povo judeu, para procurar emergir como o porta-voz de uma nação e de sua história, legitimando assim a experiência conversa da expulsão/conversão forçada como um elo a mais na cadeia diacrônica que configura a consciência histórica do povo judeu.” (FINE, *WebMosaica*, v.4 n.1, 2012)

Numa perspectiva da identidade judaica que marcou grande parte dos judeus de origem alemã, a da atribuição externa, Marlen Eckl, mestre em

Letras, Estudos Judaicos e Direito e doutora em História, relata a trajetória de Ernst Feder como jornalista, durante o período de seu exílio no Brasil (1941-1958) e examina sua amizade com Stefan Zweig, ambos judeus exilados de fala alemã (o primeiro nascido em Berlim e o segundo em Viena), que vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, fugindo da perseguição nazista. Sua análise é baseada no inédito *Diário Brasileiro*, de Ernst Feder, no qual ele traça “um panorama de todos os exilados de fala alemã naquele Brasil que acolhia refugiados” e faz uma espécie de crônica da vida e morte de Zweig. Em seu diário, Feder registrou as frequentes conversas que mantinha com Zweig, “com um nível de detalhamento extraordinário. Embora os terríveis acontecimentos da guerra na Europa naturalmente dominassem a conversa, eles também falavam de vários outros episódios acontecidos durante épocas de paz”. Inexistem sinais de judaísmo nesses relatos. No mesmo sentido que os personagens abordados por Eckl, Ana Laura Colombo de Freitas focaliza o imigrante judeu alemão Herbert Caro, radicado em Porto Alegre a partir de 1935. Como os anteriores, Caro era um intelectual, atuando como tradutor e crítico musical e teatral. Como mostra a autora, ele teve presença marcante no *Correio do Povo*, o principal jornal do estado à época, valorizando e transmitindo a música clássica e o teatro para a população porto-alegrense. Sua atuação no meio judaico restringiu-se à Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), que congregava os judeus de origem alemã da capital do Rio Grande do Sul.

Na seção de artigos de temática livre, trazemos um texto sobre a contribuição da literatura para a língua hebraica e dois artigos sobre literatura israelense.

O primeiro desses artigos é de autoria de Cyril Aslanov, nascido na Rússia e residente em Israel,

professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. No texto *A literatura como motor da modernização da língua hebraica*, Aslanov apresenta resultados de sua pesquisa sobre o processo da renascença do hebraico literário a partir da segunda metade do século XIX. De acordo com o autor, “essa renascença se insere no marco de um conflito entre as tendências conservadoras e as renovadoras dentro da cultura judaica”; enquanto “os reformadores da língua, que transformaram-na num meio de comunicação moderno, costumavam recorrer às camadas mais antigas do hebraico, (...) os judeus tradicionalistas viam na língua um conjunto intemporal”. Em seu artigo, Aslanov procura demonstrar que o vínculo do hebraico modernizado com as camadas mais antigas da língua “é parte de uma dinâmica mais ampla que reflete a própria essência da revolução cultural sionista, especialmente em relação à cultura religiosa tradicional” (ASLANOV, *WebMosaica* v.4 n.1, 2013).

Gabriel Steinberg Schwartzman, professor do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, contribui, para este número, com o artigo *Uma releitura do Sionismo em Román Russi (A Montanha Azul) de Meir Shalev*. “Meir Shalev, por meio da ficção, mostra o retrato de uma sociedade de pessoas comuns e não somente de heróis de guerra e de exemplos de retidão moral. Através de sua produção literária podem-se conhecer aspectos da sociedade israelense, assim como verificar, como pano de fundo, traços da história e da política do país. Por intermédio da voz de escritores que representam de certa forma a consciência da nação judaica, é possível fazer uma tentativa por compreender os destinos da empreitada sionista na atualidade”. (STEINBERG, *WebMosaica* v.4 n.1, 2013)

Finalmente, no último artigo da Seção, Saul

Kirschbaum apresenta um panorama da moderna literatura israelense, analisando romances ou contos de quatro ficcionistas, traduzidos para o português no Brasil, selecionados pela presença, em suas narrativas, de questões políticas muito presentes no cenário nacional de Israel, entre as quais a diáspora, a condição judaica, o relacionamento com os vizinhos árabes e o chamado “pós-sionismo”.

Na seção Memória, publicamos dois textos que representam dois extremos: o texto mais curto e o texto mais longo nela publicados ao longo dos quatro anos da *WebMosaica*. A publicação dos dois trabalhos justifica-se pelos elementos de ineditismo que trazem: o primeiro por se tratar de um conto, gênero textual nunca antes publicado na *WebMosaica*, e o segundo por trazer informações novas sobre os primórdios da colonização agrícola judaica no estado do Rio Grande do Sul. O conto tem o título *Etel e o Velho* e foi escrito por Ivy Judensnaider, economista e mestre em História da Ciência. O ‘artigo’ é de autoria de Evelyne Heuffel, escritora e graduada em artes. Seu texto revisita a Colônia Philippon, estabelecida no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, em 1904, com imigrantes judeus vindos da Bessarábia

(atualmente Moldávia), trazendo informações novas e detalhes sobre a vida dos colonos judeus no início do século XX.

Na seção Resenha, trazemos dois textos que comentam o livro *Franquismo, cúmplice do Holocausto*, escrito pelo jornalista investigativo Eduardo Martín de Pozuelo e baseado em documentos desclassificados de arquivos norte-americanos, holandeses e britânicos. Num desses textos, Xavier Casals faz uma resenha do livro, enquanto que, no outro, o próprio autor do livro elabora uma espécie de resumo-resenha.

Portanto, o presente número da revista *WebMosaica*, através de um amálgama composto de literatura, língua, memória, biografia, história, sociologia e todas suas possíveis intersecções, oferece aos leitores diversos caminhos de investigação e de reflexão acerca, essencialmente, deste vasto tema que é a identidade judaica, traduzido em indagações de aparência falsamente singela: Quem é o judeu? O que é ser judeu? As respostas subjacentes nos textos aqui reunidos, assim constatará o leitor, são tão multifacetadas quanto instigantes – e, por vezes, surpreendentes.

Os Editores